



## **"Uma família morta de fome, dor e medo": a humanização do relato jornalístico através do emprego das técnicas do Jornalismo Literário<sup>1</sup>**

Rafaela GAMBARRA<sup>2</sup>

Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, PB

### **RESUMO**

Como alternativa ao jornalismo tradicional, o Jornalismo Literário (ou Novo Jornalismo) surgiu no século XX fruto da convergência que há anos vinha se traçando entre Jornalismo e Literatura. Para Tom Wolfe, jornalista que serviu de porta voz ao movimento, o segredo de um texto do gênero está calcado em quatro pilares: a construção cena por cena, o diálogo realista, a apresentação de detalhes e o contar a história pelo ponto de vista dos personagens. Na matéria "Uma família morta de fome, dor e medo", publicada no dia 6 de março de 2013 no Jornal do Commercio, é possível perceber ao menos duas dessas características: a profusão de detalhes e o registro da cena. Com isso, percebe-se que as técnicas do JL são passíveis de serem utilizadas também no jornalismo diário, em matérias policiais e que, ao serem utilizadas, tornam o texto muito mais humanizado e sensível ao leitor.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo literário; humanização do relato; comunicação; jornalismo narrativo

#### **• Introdução**

O Jornalismo Literário ou New Journalism (ou, ainda, Novo Jornalismo, como é chamado a partir do momento em que chega ao Brasil) trata-se de um gênero cujo ápice se deu na década de 1960, com o lançamento do seu manifesto por Tom Wolfe. Ao invés do texto-padrão do jornalismo tradicional, baseado no lead e na pirâmide invertida, o texto do Jornalismo Literário possui outros aspectos considerados como principais: o valor estético das palavras, por exemplo, ou, ainda, a humanização do relato.

Embora tendo, em seu princípio, se destacado por conta dos feature (gênero cujas reportagens são feitas com mais tempo de apuração e geralmente são publicadas nas edições de fim de semana dos jornais - as chamadas pautas frias) ou, também, dos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015. O trabalho foi orientado pelo professor doutor Thiago Soares, da Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba; e-mail: rafaellagambarra@gmail.com



livros-reportagens (como, por exemplo, *A Sangue Frio*, de Truman Capote, que ficou conhecido como um dos principais marcos do Jornalismo Literário), é possível perceber que as técnicas do Jornalismo Literário podem ser utilizadas também na prática do jornalismo diário, tornando o texto mais humanizado.

É isso, portanto, o que acontece na matéria "Uma família morta de fome, dor e medo", publicada no dia 6 de março de 2013 no *Jornal do Commercio*, de Pernambuco. Através da utilização de recursos como a construção cena a cena e da apresentação de detalhes o jornalista Wagner Sarmiento foi capaz de escrever uma matéria que difere dos textos policiais que são tradicionalmente encontrados nas páginas dos jornais. O próprio site do jornal, inclusive, publicou uma matéria no dia anterior, 5 de março de 2013, dia em que, de fato, ocorrera o crime, que em muito se distancia da que foi publicada no jornal. Nela, o crime é apenas mais um, e o fato apenas um dentre tantos que ocorrem no dia a dia. Na matéria aqui analisada, a vítima torna-se protagonista da sua história. Eis, aí, o grande mérito do Jornalismo Literário: humanizar os relatos, mesmo quando de tragédias.

- **Jornalismo literário ou O império dos fatos e o jardim da imaginação**

O império dos fatos contaminado pelo jardim da imaginação. Tal como afirma Cosson (2005, p. 57), o Jornalismo Literário (ou Novo Jornalismo<sup>3</sup>) trata-se de um gênero no qual se mesclam características do Jornalismo com as da Literatura. Deve-se priorizar a escrita com um valor estético mas deve-se, também, ter em consideração algumas das principais características do jornalismo diário, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente.

Valor estético. O emprego de técnicas literárias. Construção cena a cena. A utilização do diálogo realista. Uma profusão de detalhes. A construção do relato através do uso do ponto de vista. Um dos principais teóricos sobre o gênero, Felipe Pena faz uma simples introdução às características que devem guiar o jornalista quando escrevendo um texto deste tipo. Segundo ele,

---

<sup>3</sup> Embora a aproximação entre Jornalismo e Literatura se dê desde que há o surgimento da imprensa, é na década de 1960, com o manifesto de Tom Wolfe, que dá-se início a um novo movimento, o Novo Jornalismo, que "institucionaliza" essa união que é feita através do uso de técnicas literárias em textos jornalísticos.



os repórteres devem seguir o caminho inverso [do jornalismo tradicional] e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação (PENA, 2006, p. 54).

Também de acordo com Pena (2006), no entanto, para se produzir um texto do gênero, não se deve apenas fugir das amarras da redação ou exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito, em sua amplitude, significa ainda potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.

Embora muitas vezes confundido com a prática do jornalismo em matérias sobre Literatura, o gênero do qual aqui se pretende falar trata-se, na verdade, da utilização de recursos literários na construção do texto jornalístico, tal como defende Daniel Piza (2004, p. 23), ou, ainda, como afirma Pena, tomando o Jornalismo Literário como um conceito mais amplo e não só como um gênero que se caracteriza pela publicação de literatura nas páginas de jornais (PENA, 2006, p. 6).

No Novo Jornalismo, privilegia-se a dimensão estética do texto, utilizando-se para isso os recursos literários. Para Tom Wolfe (2005), jornalista que serviu de porta-voz do movimento, o segredo de um texto de jornalismo literário está em quatro pilares: a construção cena por cena, o diálogo realista, a apresentação de detalhes e o contar a história pelo ponto de vista dos personagens.

Em relação à construção cena por cena, Wolfe afirma que o cerne do texto não é a informação, os dados, mas sim a construção das cenas. A criação de um ambiente figurativo, portanto, trata-se de uma forma muito mais eficiente de se estimular a memória do leitor.

Os escritores mais talentosos são os que manipulam os conjuntos de memória do leitor de tal modo sofisticadamente que criam dentro da mente deste um mundo completo que ressoa com as próprias emoções reais do leitor. Os eventos estão meramente acontecendo na página impressa, mas as emoções são reais. (WOLFE, 1991, pg. 47)

Já em relação ao diálogo realista, Wolfe acredita que ele é o que mais envolve o leitor do que qualquer outro recurso e que também define o personagem mais depressa e com



mais eficiência (2005, p. 54). Em vez de simplesmente descrever o personagem, o jornalista pode utilizar as suas falas como um recurso para construí-lo. Deve-se enfatizar, ainda, a importância de anotar ou gravar tudo que acontece para que se possa conseguir este efeito.

No tocante ao detalhamento do status de vida, o jornalista deve utilizar-se de detalhes que tenham algum significado simbólico para a história para que, assim, possa construir o ambiente. “Tratava-se do registro dos gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, [...] e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena” (WOLFE, 2005, p. 55). Embora muitas vezes considerados meros “bordados” literários, Wolfe defende a utilização deste recursos citando o romance *A Prima Bette*, de Balzac, em que o autor francês usa os objetos da sala de estar dos personagens Monsier e Madame Marneffe para mostrar o status e a aspiração de vida dos personagens. Um tapete barato que se deteriora com o tempo, por exemplo, ou estátuas de gesso que imitam bronze podem ser bastante reveladores da condição de alpinistas sociais.

Por fim, a utilização da técnica do ponto de vista consiste em apresentar a história pelo ponto de vista dos personagens que pode ser obtido por meio de entrevistas extensas e perguntas certas. Aí encontra-se também a reconstrução psicológica que deve ser baseada em fatos e investigação profunda dos personagens. É este recurso, portanto, que irá dar ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça do personagem, “experimentando a realidade emocional da cena como o personagem a experimenta” (WOLFE, 2005, p. 54).

Essas características, no entanto, assim fundamentadas, são de uma fase posterior ao início da aproximação entre Literatura e Jornalismo no Brasil, aproximação esta que se dá inicialmente, no final do século XIX, quando inúmeros escritores encontram no jornalismo não só a chance de garantir alguma renda mas, também, de atingir um número maior de leitores. Muitos são, portanto, os jornalistas que viraram escritores ou escritores que atuavam como jornalistas. De acordo com Edvaldo Pereira Lima,

a partir da década de 1850 e até o final do século XIX, apenas para citar um marco temporal, trabalharam em jornal escritores como Manuel Antônio de Almeida – autor de Memórias de um sargento de milícia –, no Correio Mercantil (do Rio de Janeiro), José de Alencar –



que chegou a redator-chefe do Diário do Rio de Janeiro –, Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo – ambos da Revista Popular – e tantos outros de menor projeção pública (LIMA, 1995, p.174).

É possível lembrar também do caso emblemático de Machado de Assis, um dos principais expoentes da literatura brasileira, que começou a vida profissional como aprendiz de tipógrafo e revisor de jornal, enquanto que em paralelo edificou uma carreira de escritor com seus primeiros versos e novelas.

É, portanto, “como se o veículo jornalístico se transformasse numa indústria periodizadora da literatura da época” (LIMA, 1995, p. 174). Com a generalização das relações capitalistas, no entanto, na virada para 1900, mudaram as relações imprensa-literatura e há uma tendência ao declínio do folhetim, que foi substituído pelo colunismo, assim como a tendência para a entrevista, que passou a substituir o simples artigo político.

Já na Europa, segundo Lima (2005, p. 180) – e apoiando-se nas palavras do crítico Boris Schnaiderman, assim como nas de Tom Wolfe –, há, no próprio nascedouro do romance, o desejo de se praticar uma literatura da realidade. Acontece que, muitas vezes, é possível perceber a convivência pacífica, em um mesmo terreno, da ficção e da factualidade. É o chamado realismo social, que teve contribuições de autores como Cervantes e Rabelais, mas que atingiria seu auge com nomes como Balzac, Dickens, Mark Twain, Dostoiévski, Tolstói e outros, também no século XIX, mas que a partir da década de 1870 começa a definhar, pois parte da comunidade literária começa a se inquietar pensando que o romance se estava tornando muito limitado ao cotidiano e estaria perdendo uma missão maior, moral, mítica, que teria a cumprir, e acaba por definhar em 1920.

É em terras norte-americanas, porém, que começam a ter origens as raízes do New Journalism (ou Novo Jornalismo, a partir do momento em que chega ao Brasil) – movimento que irá deslanchar a partir da década de 1960. Após a Primeira Guerra Mundial, alguns autores voltam a utilizar-se do realismo social, e a partir de 1930, outros, como Ernest Hemingway, com seu livro *Paris é uma festa*, passam a dar intensas contribuições para a renovação estilística da narrativa em profundidade.



Acontece que, mesmo os escritores que utilizavam-se de recursos jornalísticos, como Hemingway, utilizavam o jornalismo como meio e não como fim, vendo-o como um tipo de atividade inferior. Somente com a chegada do New Journalism é que, de fato, passou-se a se buscar um equilíbrio entre os dois gêneros.

A chance que o jornalismo poderia ter para se igualar, em qualidade narrativa, à literatura, seria aperfeiçoando meios sem porém jamais perder sua especificidade. Isto é, teria de sofisticar seu instrumental de expressão, de um lado, elevar seu potencial de captação do real, de outro. Esse caminho chegaria a bom termo com o New Journalism. (LIMA, 1995, p. 191)

A corrente teve seu início, a princípio, devido à divisão entre aqueles que escreviam matérias quentes e os que se dedicavam ao feature<sup>4</sup>, escrevendo matérias frias. Esses, os responsáveis pelo feature, passaram a escrever tomando como base a efervescência das transformações sociais, comportamentais e culturais da contracultura e de correntes paralelas que agitavam os Estados Unidos. Foi aí que os jornalistas passaram a sentir, na pele, as transformações que estavam acontecendo na sociedade e a transformá-las em letras, palavras e linhas escritas, primeiramente em features, crescendo para as revistas dominicais de alguns periódicos, amadurecendo para as revistas independentes e, por fim, alcançando o estrelato narrativo no livro-reportagem, que colocou o marco inicial no New Journalism com *A Sangue Frio*, de Truman Capote, lançado em 1966. Para Lima, à objetividade da captação linear, lógica, somava-se a subjetividade impregnada de impressões do repórter, imerso “dos pés à cabeça” no real. Eis aí o momento em que, após séculos caminhando com estradas em paralelo, que ora se imbricavam, ora se separaram, dá-se início, “institucionalmente”, à junção entre Jornalismo e Literatura e, mais que isso, o Novo Jornalismo alcança um status literário próprio.

No livro *Capote, uma biografia*, o autor Gerald Clarke (2006, p.336-337) discute o fato de *A sangue frio* ser considerado, pelo próprio Truman Capote, como um novo tipo de literatura e um romance de não-ficção:

Durante muito tempo Truman sustentou que a não-ficção poderia ser tão artística e atraente quanto a ficção. Segundo ele, a única razão de em geral ser considerada uma espécie inferior da literatura era ser escrita quase sempre por jornalistas que não estavam equipados para

---

<sup>4</sup> O *feature* trata-se de um gênero jornalístico que vai além do caráter factual e imediato da notícia. Através de uma visão aprofundada de determinado assunto, as reportagens são feitas com mais tempo de apuração e geralmente são publicadas nas edições de fim de semana dos jornais.



explorá-la. Somente um escritor “com total controle das técnicas ficcionais” poderia conferir a ela o status de arte. “O jornalismo se move no plano horizontal, conta as histórias; a ficção - a boa ficção - move-se verticalmente, mergulha fundo nos personagens e nos fatos. Ao tratar um fato real com essas técnicas, é preciso fazer essa síntese”, disse ele. Porque os bons ficcionistas desdenhavam a reportagem e os repórteres não aprenderam a escrever a boa ficção é que essa síntese ainda nunca tinha sido feita e a não-ficção nunca realizara seu potencial. Truman insistia ser o primeiro a mostrar o que é possível fazer com esse material tão depreciado. Para ele, *A Sangue Frio* era um novo tipo de literatura, um romance de não ficção. (CLARKE, 2006, p. 336-337)

Após a publicação de *A Sangue Frio*, é possível perceber que, ao longo das últimas décadas, aumentaram, cada vez mais, os números de títulos que fazem jus ao Jornalismo Literário em todo o mundo. No Brasil, com a criação da coleção Jornalismo Literário da Cia das Letras, uma importante editora brasileira, por exemplo, já foram lançados mais de 30 títulos do gênero. Um dos primeiros livros da coleção, o célebre *Hiroshima*, por exemplo, de John Hersey, foi feito no Japão em 17 dias, e registrou o ataque atômico americano contra o país asiático na Segunda Guerra Mundial por meio do relato de seis sobreviventes; outro, também lançado pela coleção, é o *Fama e Anonimato*, de Gay Talese, livro que reproduz um verdadeiro retrato da cidade de Nova York do início dos anos 60.

Também nos jornais e revistas de todo o Brasil é possível identificar, atualmente, matérias que utilizam os preceitos do Jornalismo Literário. É o caso, por exemplo, das reportagens escritas pela jornalista Fabiana Moraes para o Jornal Comercio, como *Ave Maria*, matéria que conta a história de mulheres cujos nomes remetem ao nome da mãe de Jesus e foram vítimas da violência doméstica e brutalmente assassinadas por seus maridos, genros ou colegas; ou as matérias produzidas pela revista Piauí, sejam elas das editorias de Cultura, Política ou Economia; ou, ainda, na reportagem que é objeto de análise deste artigo, intitulada “Uma família morta de fome, dor e medo”, no Jornal do Comercio.

- **A humanização do relato jornalístico: estudo de caso do Jornal do Comercio**

"Uma família morta de fome, dor e medo" – assim se intitula a matéria publicada no Jornal do Comercio no dia 6 de março de 2013. A matéria mereceu destaque na capa

do jornal, com a seguinte manchete: "Tragédia da fome, drama do medo". Como subtítulo, estão os seguintes dizeres: "Briga por um punhado de lavagem acabou com assassinato de um catador de lixo no Recife. Ele queria levar parte dos restos para a família, mas algoz queria alimentar porcos. Filho de 11 anos viu tudo e implorou pela vida do pai".



Figura 1

A matéria, como explica o subtítulo, traz o relato da história de um catador de lixo que foi brutalmente assassinado após se recusar a entregar a lavagem que serviria de alimento aos seus filhos. Escrita pelo jornalista Walter Sarmiento, a matéria já em seu título difere das demais: enquanto que, por exemplo, no site do mesmo veículo o título da matéria é "Catador de lixo é assassinado em disputa por restos de comida", percebe-se que, na edição impressa, aqui analisada, o autor do texto optou por um título metafórico, o que, por si só, dá um outro sentido à reportagem, tornando-a mais humanizada que os tradicionais textos referentes a casos policiais.



Percebe-se, ainda, a utilização da metáfora em outros momentos do texto, como é o caso do seguinte trecho, no primeiro parágrafo: "O crime tirou o pouco de chão que Maria Galdina Inácia da Silva, 28, tinha. Acuada pela violência, ela abandonou a casa. Desprovida de tudo, implora por doações para amenizar o sofrimento das crianças, que têm entre 3 e 11 anos". Aí, percebem-se dois sentidos para o 'tirou o pouco de chão': tanto o de colocar em desespero como, também, seu sentido literal, de retirar-lhe a casa. O texto, portanto, passa a ter valor estético.



Figura 2

Outros aspectos também são possíveis de serem percebidos na matéria enquanto características próprias do Jornalismo Literário e que, assim, tornam o relato tanto mais humanizado: trata-se, assim como Tom Wolfe apontou, da construção cena por cena e da apresentação de detalhes.

No que diz respeito à construção cena por cena, pode-se apontar o relato, no primeiro parágrafo, do momento do assassinato:

O catador Lidivan Batista da Silva, 30 anos, foi morto por causa de um punhado de lavagem. Levava, como fazia todos os dias, restos de comida para alimentar a família no local conhecido como Rua do Papelão, no bairro de São José. Ainda deu metade a seu algoz, que



mandou que ele lhe entregasse tudo. Queria dar aos porcos as mesmas sobras que saciariam a fome da prole da vítima. Achava que bicho merecia mais do que gente. Diante da recusa, Lidivan acabou assassinado, na noite de anteontem, com um tiro de 12.

Ou, ainda, no quinto parágrafo, quando se faz referência ao momento em que a delegada chega ao local do crime: "Gleide confessou que se emocionou ao chegar ao local. Deparou-se com os cinco irmãos sentados ao meio-fio, em lágrimas e segurando uma foto do pai".

Já no que diz respeito à apresentação de detalhes, faz-se referência à descrição da casa onde a família morava e também daquilo que a esposa do catador levou ao deixar sua residência:

"Deixou para trás o casebre onde morava, um cubículo sem portas e janelas, sem cama e geladeira, sem reboco e sofá, em frente a um depósito improvisado de lixo, sob condições precárias de saneamento. Carregou tudo o que tinha: um saco de feijão, um pacote de arroz, meio quilo de açúcar, um bujão de gás e roupas. Nada mais".

- **Considerações finais**

Através do emprego de algumas técnicas do Jornalismo Literário, o texto, que poderia ser só mais um dos tantos textos policiais que enchem as páginas dos jornais diariamente, torna-se mais humanizado, transformando a morte do catador de lixo Lidivan Batista da Silva em algo palpável, sensível e, ainda, que faz com que o leitor o perceba como parte da mesma sociedade em que vive.

Dessa forma, é possível constatar que o Jornalismo Literário é passível de ser utilizado não só em livros-reportagens e em grandes narrativas mas, também, no jornalismo diário, criando textos que diferem do tradicional e que são muito mais atrativos ao leitor pois, aí, o jornalismo deixa de ser uma sequência de números e fatos colocados em uma linguagem padrão. Os fatos, nesse caso, passam a sensibilizar o leitor.

Em tempos de crise no jornalismo, especialmente no jornalismo impresso, o Jornalismo Literário surge, portanto, como uma possibilidade que acena ao mercado e cujas tentativas merecem ser analisadas pela academia.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



CLARKE, Gerald. *Capote, uma biografia*. São Paulo: Editora Globo, 2006.

COSSON, Rildo. '*Romance-reportagem: o império contaminado*'. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra*. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2005. Coleção Ensaio Transversais.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Manole, 2004.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2008.

PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

WOLFE, Tom. *Radical chique e o Novo Jornalismo*. Companhia das Letras, 2005.